



DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

DE SANTA
≡ RITA ≡

O TIO MANEL

Por MARIA EMILIA DE BARBOSA VIANA

Desenhos de A. CASTAÑE



tio Manel era a figura mais popular da aldeia de... Sempre alegre, bem disposto, nunca ninguém lhe vira o semblante triste, uma única lágrima, a-pesar-da da sua idade já avançada, (70 anos).

E' que nunca teve contrariedades na vida, dirão os meus pequeninos leitores. Puro engano! Se há alguém cuja vida tenha sido sempre cheia

de desgostos, era a do cou órfão de pais. Passou, então, a viver de esmolas até chegar à idade de poder ganhar a sua vida.

Passaram-se anos. Manel tinha juntado algum dinheiro à custa dum trabalho insano e casado com a rapariga mais linda da aldeia, de quem tinha um filhinho, o seu enlevo, o seu orgulho. Tudo agora parecia sorrir-lhe, nunca a natureza lhe parecera tão bela, nunca a vida se lhe tornara tão sedutora!

Mas quem passasse, três anos depois, pela casa do tio Manel, já não via as janelas abertas de par em par, já não notava aquela franca alegria! Tudo se tinha transformado. As janelas fechadas, silêncio absoluto. Não mais se ouviram aquelas gargalhadas infantís, aquelas lágrimas ingénuas, aqueles sorrisos felizes, aquelas brincadeiras no pátio. Não; tudo tinha acabado. Em três anos o tio Manel ficou viuvo,

sem o seu filho adorado e reduzido à mais negra das misérias com as despesas das doenças.

Como aquele feliz lar se desmuronou, como tudo acabou dum momento para o outro! Como aqueles bens juntos, minuto a minuto, hora a hora, acabaram tão tristemente! E o tio Manel? Esse lá ia vivendo sempre bem disposto, alegre, nem parecia ter tido tão horribéis desgostos! Quando alguém o lamentava, o tio Manel sorria-se e dizia: — «Foi Deus que assim o quiz, seja feita a sua Divina vontade!» E os anos decorreram bem melancólicos para ele, mas nunca ninguém o vira triste, nunca ninguém lhe vira uma lágrima. Por isso mesmo era estimado e respeitado. As lágrimas em geral afugentam, ao passo que as alegrias atraíam.

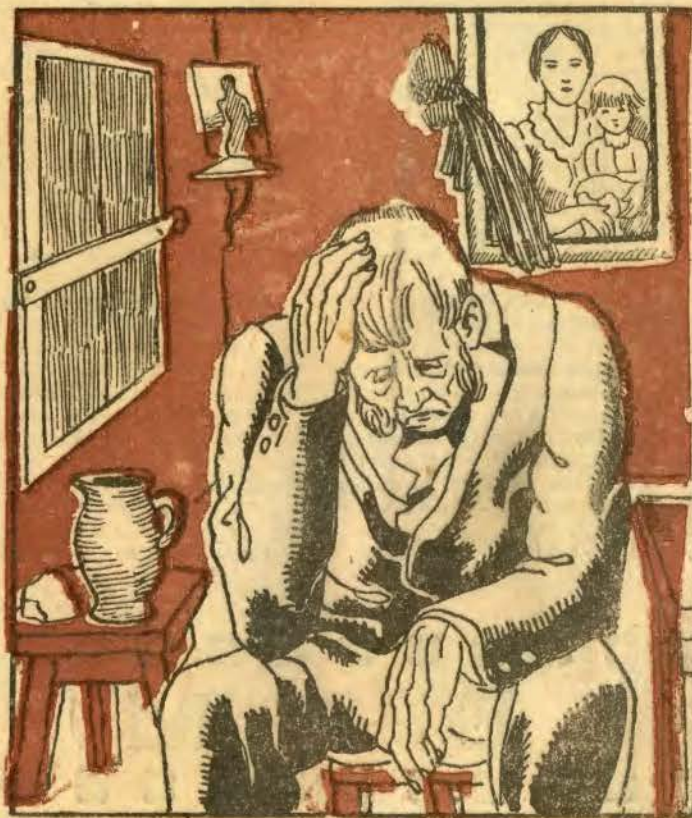
Naquela tarde, tio Manel ia a uma feira na aldeia próxima, quando encontrou na estrada o pequeno João Victor, o herdeiro mais rico da sua terra, que chorava convulsivamente.

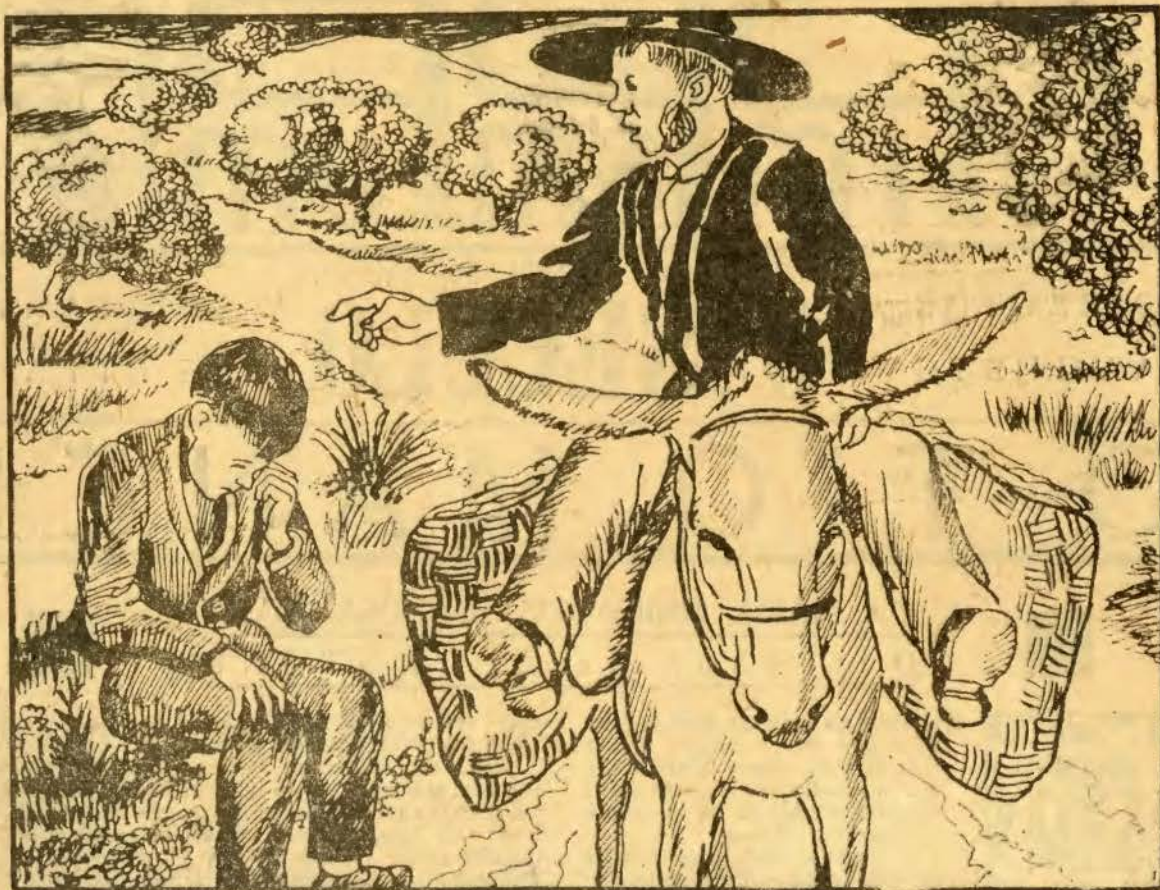
— Olá, ó João, o que tens tu?
Os teus pais estão doentes? O que foi, anda, dize-me! Vamos, meu pequeno, o que foi?

— Tio Manel, eu sou um desgraçado!

— Tu?! Um desgraçado?! Porquê? dize lá!...

— O meu pai não me quer comprar um automóvel que eu vi ontem em Lisboa e eu quero-o, quero, pronto! Os meninos ricos de Lisboa têm automóvel e eu, pobre de mim, só tenho uma mísera carroça! Ah, ah, como estou triste, tio Manel!





— Já acabaste, João? voltou o bom velhote, rindo-se.
 — Ri-se o tio Manel? Olha que admiração, pois quem não chorou pela morte dos seus, havia de ter dó de mim?!
 — João cala-te e ouve! Sei que há quem ache estranha a minha impassibilidade mesmo perante a morte de minha mulher e meu filhinho, e a voz tremia-lhe ligeiramente. Enganam-se, meu pequeno; chorei, choro e chorarei sempre por eles, mas choro em silêncio na minha casa, sozinho sem testemunhas, e depois, João, para que hei-de chorar, gritar diante de todos? Que culpa têm eles da minha dor! De que maneira me consolariam?! E sabes, meu filho, nós não temos o direito de perturbar a quietação, o sossego dos outros com os nossos desgostos, não! Eis porque nunca estou triste diante de ninguém; eis porque pareço não ter coração e, contudo... como eu sofro!— e ia, dizendo isto, reprimindo, muito a custo, um soluço!

João ouvia-o atônito! Seria possível uma tão grande força de vontade, uma tão grande resignação! Duas lágrimas deslizavam já pelo rosto da criança, mas, desta vez, de vergonha e arrependimento pelas palavras ásperas que, momentos antes, havia pronunciado. Comparou-se com o tio Manel. Que diferença! Enquanto este mostrava aos outros o seu semblante sempre alegre, mesmo tendo o coração enlutado, mesmo vivendo na mais absoluta miséria, ele, João, a quem nada faltava, nem mesmo os carinhos dos pais, chorava, sentia-se imensamente desgraçado por não ser mais uma vez atendido nos seus inúmeros caprichos!

— Tio Manel,—(disse, de súbito, a criança)—perdõe-me,

sim, a minha fraqueza e as minhas injustas palavras! Sim? E desatou num pranto.

— Sim, meu filho, de todo o coração. Segue os meus conselhos. Isto é: — Mostra-te sempre bem disposto, agradável aos outros, mesmo que estejas triste, verdadeiramente triste, ouves bem? E verás como, assim, serás sempre estimado, convidado para todas as festas porque nunca te tornarás maçador. Custa, é certo, mas que queres? O mundo é assim! Quando estamos bem dispostos, todos de nós se aproximam; quando tristes, todos insensivelmente se afastam pouco a pouco e, por fim, abandonam-nos! E' por egoísmo? Não! E', como te disse, porque o mundo é assim!

* * *

Decorreram mais anos. O tio Manel já morreu mas há, agora, quem se assemelhe ao simpático velhinho: —o João Victor que, apesar de não ter tido tantos dissabores como o tio Manel, também os tem, está claro, e contudo está sempre prazenteiro, bem disposto e por isso é muito estimado e muito querido de todos como previa o tio Manel. Quantas vezes não fala o João Victor do tio Manel! Com que profunda saudade, com que profundo respeito! Oh, é porque ele bem via quantas verdades não lhe tinha ele ensinado, e que a sua relativa felicidade a devia em grande parte a ele, que, tão inteligentemente, lhe ensinou a saber viver!

«Bem hajam os que pensam como o tio Manel».

F I M

O MENINO IMPRUDENTE

Por MANUEL FERNANDO DA SILVA DIAS

Desenhos de ADOLFO CASTAÑE

ERA uma vez um menino muito rico mas bem mau; pois, ao vir pelo caminho, se via algum pòbrezinho lhe batia com um pau;

Ora uma vez, ao portão, o bébé estava a brincar... vendo um pobre, com surrão, pedir-lhe um pouco de pão, tratou logo de o espancar.

Pouco depois, co'uma bola, vai para a escola o menino, sempre a jogar, a saltar, a pular pelo caminho.



Numa grande correria,
com alegria,
estouvado,
de repente escorregou
e rolou
por um silvado.

Nesse instante, ia a passar
o pòbrezinho espancado,
que, ouvindo o bébé gritar,
deixou tudo p'ra salvar
o garoto endriabrado.

Não calculam os meninos
o milagre que se deu?!...

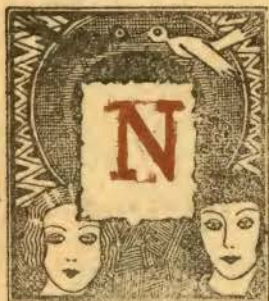
Desde esse dia de espinhos,
para o menino, os pobrinhos
são como os anjos do Céu!...



A rainha das flores

Por **TAUZINHA**

Desenhos de **CASTAÑÉ**



UM reino muito distante, no lindo país das Flôres, reinava o Cravo Branco, muito amado pelo seu povo.

Era o reino da Felicidade e o tempo decorria alegre, em constantes folgas.

O rei era jovem e solteiro. Os conselheiros diziam-lhe que era forçoso

zer desaparecer a Violeta mas convinha-lhe que ninguém desconfiasse, para que os seus planos fôsse coroados de exito.

Vendo o tempo correr, encurtando o praso do casamento, lembrou-se de pedir o auxilio do Génio dos Génios e, insinuando-se arditosamente, conseguiu que o Génio fizesse desaparecer a sua linda rival. Desaparecimento misterioso que sobresaltou o rei, aniquilando aquela mocidade. Porém a Rosa consolava-o, fingidamente compungida, tornando-se-lhe simpática. Imitava as maneiras gracios e modestas da bóa Violeta, e, dia a dia, o rei lhe achava mais encantos, esquecendo a Violeta.

casar-se, para assegurar a continuação de tão feliz dinastia; porém o rei sorria-se, pensando na sua mocidade radiosa.

Um dia, porém, o rei fez saber que se casaria com a princesa Violeta e, enquanto tódo o reino vibrava de alegria por tão auspicioso enlace, a Rosa, despeitada, jurou vingar se da sua rival.

Bastantes vezes, a mãe de Violeta a aconselhava a desconfiar de certas amidades, mas ela, desconhecendo a maldade, sorria bondosa a tódos quantos a cercavam, julgando incapaz quem quer que fôsse de a atraiçoar.

A Rosa fugia a convivências, pensando a melhor maneira de fa-



zer desaparecer a Violeta mas convinha-lhe que ninguém desconfiasse, para que os seus planos fôsse coroados de exito.

O casamento combinou-se. Chegou esse dia e o Deus das Flôres castigou a sua preversidade, fadando-a assim:

— «Eu te fado para que o teu corpo, esbelto, se cubra de espinhos; serás a rainha, mas a rainha dum dia, a tua vida será um sôpro... a tua beleza um suspiro... A Violeta está nos bosques, e será a rainha dos bosques e a deusa das flôres».

Ninguém semeie o Mal, julgando colher o Bem.

F I M

As idéas de Margarida

A's minhas amiguinhas Armanda Ferreira G. Ornelas, Maria Luiza de Vasconcelos e Noémia de Figueiredo Ferreira

Por LÓLÓ



JAIMINHO era um menino muito bom e estudioso. Tinha sete anos e já sabia ler e escrever.

Sua irmã Margarida era uma encantadora boneca de quatro anos.

Esta gentil criança era a alegria de seus pais que a adoravam.

Viviam numa linda casa cercada de um arborizado jardim onde as duas crianças brincavam alegremente.

Margarida, sempre irrequieta e inteligente, era quem inventava as brincadeiras que tanto a divertiam e a seu irmão.



Um dia Jaime encontrou a irmã, no jardim, a plantar penas de galinha. Admirado, perguntou-lhe:

— Que estás a fazer, Margarida?

— Não sabes?! — respondeu-lhe esta: — Como se semeia um feijão para nascer um feijoeiro, eu estou a plantar penas de galinha para nascerem pintaínhos.



— E's mesmo uma pateta. Então, tu não sabes que os pintos nascem dos ovos das galinhas?

— Eu bem sei, mas quero só experimentar,

E continuou a espetar penas na terra, enquanto o irmão se afastava, a rir das suas idéas.

*
* * *

— No jardim havia um lago com peixes que eram o encanto de Margarida.

Um dia de inverno, saiu de casa, dirigiu-se ao lago e apanhou alguns peixes que levou para casa, colocando-os próximo do fogão.

Quando o pai chegou a casa, ela disse-lhe:

— Papá, venha vêr os peixinhos. Esteve hoje muito frio e eu fui buscá-los ao lago e trouxe-os para o calôr do fogão.

O pai foi vêr os peixes que estavam já mortos e recomendou à filha que não os tirasse da água porque êles morriam. Margarida chorou com pena dos peixes, mas continuou sempre a inventar brincadeiras que as suas idéas lhe propunham.

F

I

M



PROBLEMAS

POR CARFLÓFER

A Guida, com seus dez anos, quis aprender, como os manos, cálculo e escrituração. Qual o motivo, a razão? Poder seguir, afinal, a vida comercial, que o pai, já rico, exercia, e aos manos também sorria! Mas talvez uma outra houvesse: que a ter por mestre viesse lá de casa um grande amigo, não correndo, assim, perigo de sofrer duros rigores... pecha dalguns professores. Só naquele confiava: com ela ria e brincava. Um senhor tão divertido, nunca havia conhecido.

A eloquência dos beijos, satisfeitos seus desejos

foram todos pelos pais, transigentes como os mais. Começam, pois, as lições em alternados serões. Da estudante a pouca idade constitui dificuldade para a noção de matérias tão complicadas e sérias. Apesar-de inteligente, de briosa, diligente, de tal sciência, a menina, não digere patavina. E o senhor, tão prazenteiro, mansinho como um cordeiro, passara a torvo, arredio, como um animal bravo.

Aos problemas da aritmética sua mente fica hermética; não consegue percebê-los, por mais que puxe os cabelos. Sem cabal explicação, nunca chega à solução. Uma noite, de impaciência, fez-lhe o mestre a exigência de um resolver só por si, enquanto ele fôsse ali. Chora a Guida, do fiasco; e o mestre... moita, carrasco! Terminada a sua hora, levanta-se e vai-se embora.

Tinha por costume a aluna ser amável, oportuna, em ao mestre a porta abrir; mas, dessa vez, a sorrir, com intenção reservada, pôs-se a distância, parada. A porta, a várias alturas, tinha fechos, fechaduras, ferrolhos, trancas, tranquetas,

grampos, trincos, lingüetas... um material, enfim, que punha a casa em fortim. Abri-la o mestre empreendeu; baldado trabalho o seu. E a Guida, calada, a ver quanto ele estava a fazer... Mexia, tocava em tudo, revistando por miúdo tôdas as peças da porta. — «A menina é muito torta! — grita, cheio de furor — Abra isto, por favor...» — «Porque foi tão mau comigo? Agora, para castigo, é justo que também gema: — Resolva êsse problema!

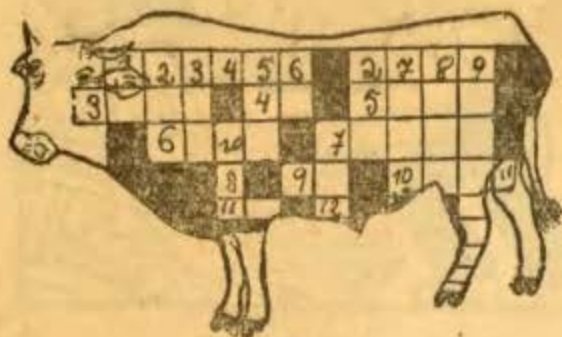
Se não sabe, eu lho explico, e do acto contente fico, pois não sou como vocência: tenho coração, consciência... Leve acima êste botão... — E aqui tem a solução!»

O mestre desruga a testa, dá-lhe um beijo, faz-lhe festa. Sentira-se arrependido do seu rigor desmedido. Depois daquele sucesso, firmou-se em novo processo; meditou que aos repêlões não se amaduram melões, nem a força ou aspereza mudam leis da Natureza. A Guida foi progredindo, tendo feito um curso lindo. A guarda-livros do pai dentro em pouco ascender vai. Hoje está uma senhora. Se não chegou a doutora, é que da especialidade não há universidade...

HORA DE RECREIO

ADIVINHA

PALAVRAS CRUZADAS



HORIZONTALMENTE

- 1 — que se põe nos pés; 2 — que se põe nos ombros;
- 3 — que faz fogo; 4 — verbo; 5 — prégar; 6 — numeral;
- 7 — risco; 8 — vogal; 9 — parte do corpo; 10 — ratar;
- 11 — nota de musica; 12 — vogal; 13 — vogal.

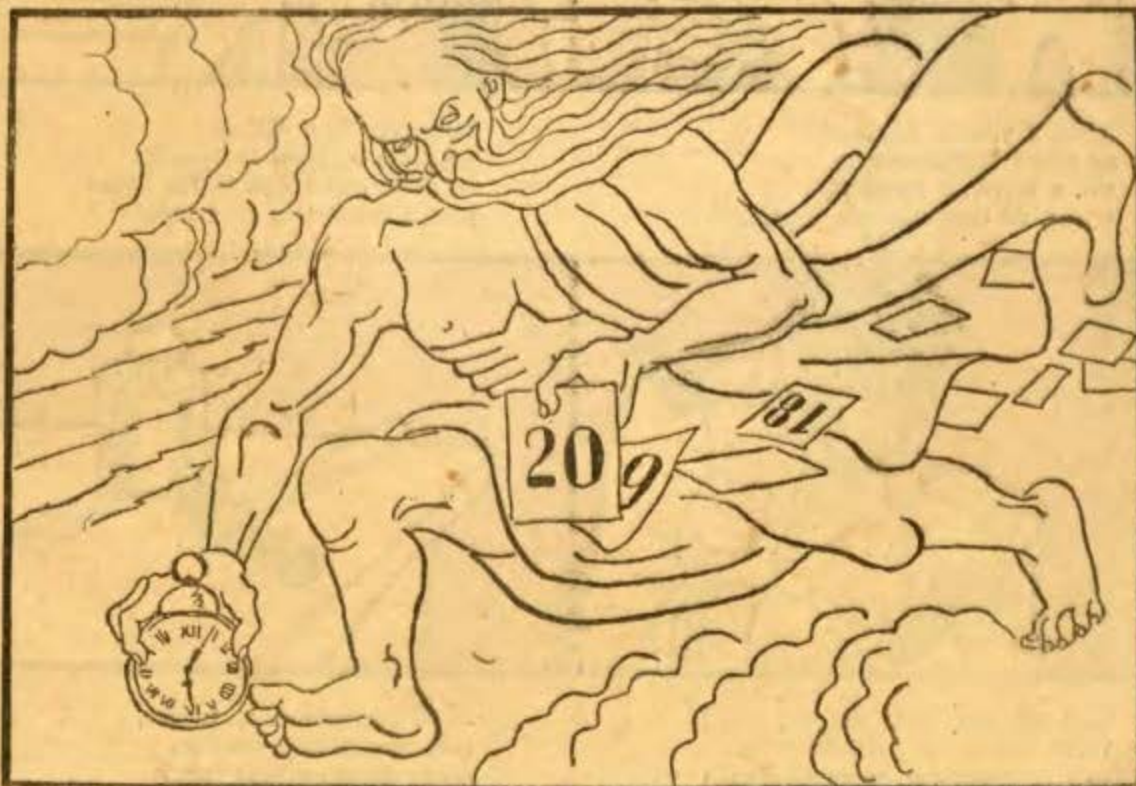
VERTICALMENTE

- 1 — templo; 2 — metal; 3 — parente; 4 — vogal;
- 5 — parente; 6 — vogal e consoante; 7 — ave; 8 — côrte;
- 9 — planta; 10 — conjugação; 11 — consoante.



Meus meninos;
Vejam se descobrem onde se encontra o passarinho
que este caçador conseguiu apanhar.

PARA OS MENINOS COLORIREM



SOVA INOCENTE



O taberneiro Matias
com tóda a ferocidade,
sovava, tódos os dias,
a sua *cara-metade*.

Com um saco de linhágem,
dá-lhe tanta bordoadada,
que a pobre, já sem corágem,
tomba no chão, desmaiada.



Nisto, a vizinha Anastácia,
ao sentir falta *bernarda*,
vai, a correr, à farmácia
e trás, de caminho, um guarda.

Interrogando o Matias,
pregunta o chefe, indignado:
— «Com que é que tu lbe batias
para a deixar em tal estado?»



Com um saco de linhágem;
volve Matias mui brando;
— «Deixa-mo vêr, meu selvágem»;
torna o chefe, acrescentando:

— «O que não dizes, porém,
pois te convinha omiti-lo,
é que dentro o saco tem
um martelo e meio quilo!» —